

A construção do sujeito negro na imprensa escrita em Santa Cruz do Sul – Vale do Rio Pardo (1980-2000)

Mozart Linhares da Silva

Professor-pesquisador no PPG em Educação e no Curso de História/UNISC
mozartt@terra.com.br

Fernando Porto Ataíde

Acadêmico do Curso de História/UNISC e Bolsista de Iniciação Científica PUIIC

Carla Adriana Batista da Silva

Acadêmica do Curso de História/UNISC e Bolsista de Iniciação Científica CNPQ
carlaab_21@hotmail.com

Cláudia de Oliveira Cortes

Acadêmica do Curso de História/UNISC e Bolsista de Iniciação Científica FAPERGS
claaucortes@bol.com.br

Resumo

Esse artigo tem por objetivo analisar o processo de construção das narrativas identitárias de cunho étnico, no caso, dos sujeitos negros, a partir da imprensa escrita de Santa Cruz do Sul, entre os anos de 1980 e 2000. A análise de uma série de imagens e textos correlatos permitiu identificar como a imprensa, ao associar as imagens de negros a situações e fenômenos estigmatizantes, exerce papel estratégico na construção das estereotipias étnicas da comunidade negra na região estudada.

Palavras-chave: identidade étnica, história, imprensa.

Abstract

This article aims to analyze the formation the identity narrative of the ethnic meaning process in case, of black subject, starting by the written press of Santa Cruz do Sul, between 1980 and 2000. The analysis of the images and texts correlated series allowed to identify as the press, by associating the black people images to stigmatized phenomena and situations, exercise strategic role in ethnic stereotypes of the black community in this region.

Keywords: ethnic identity, History, press.

O presente trabalho pretende apresentar alguns resultados do projeto de pesquisa *Identidade e Diferença: a construção do sujeito negro na imprensa do Vale do Rio Pardo (1950-2000)*, o qual tem por objetivo analisar o processo de construção do sujeito negro na imprensa escrita de Santa Cruz do Sul, no período citado. No caso da análise aqui apresentada, circunscrevemos as décadas de 1980 e 1990 em função de ser este o período mais importante no que se refere à profusão de imagens e narrativas acerca da identidade regional, como veremos adiante. Destacam-se, na análise, os mecanismos discursivos que atuam no processo de estigmatização da identidade da comunidade afrodescendente da região. Para tanto, o trabalho está dividido em duas partes. A primeira corresponde à descrição das técnicas metodológicas da pesquisa propriamente dita: a investigação nos jornais, o registro fotográfico, o armazenamento e a edição das informações. A segunda parte refere-se à análise do material coletado e a apresentação dos resultados obtidos.

Considerações metodológicas

A investigação do papel da imprensa na construção do sujeito afrodescendente nas décadas de 1980-90 em Santa Cruz do Sul foi definida em razão de esse ser o período no qual ocorre a intensificação do processo de retomada do discurso étnico germânico na região. Fenômeno esse recalcado no período da II Guerra bem como nas décadas posteriores em função do posicionamento radicalmente

contrário às manifestações racialistas e etnocêntricas difundido por organismos internacionais como a ONU. Uma resposta, portanto, aos acontecimentos relacionados ao racismo da II Guerra e seus desdobramentos na política genocida do III Reich. Além disso, no caso de Santa Cruz do Sul, como de todas as regiões de colonização germânica e italiana que foram alvo da Campanha de Nacionalização¹ (1938-1945), promovida por Getúlio Vargas, após a década de 1970 observa-se uma retomada do discurso étnico/racial, marcado, sobretudo, no ideário de revalorização cultural das tradições e da língua dos primeiros imigrantes.

Nesse sentido, Santa Cruz do Sul no final dos anos 70 vai presenciar um processo de “resgate da cultura alemã”, julgada perdida no contexto da Campanha de Nacionalização.² Várias atividades foram realizadas e incentivadas pelo poder público e pela imprensa para valorizar os costumes, a língua, a religiosidade, as tradições dos teuto descendentes. Visando a construção e a homogeneidade da identidade germânica, vários eventos foram promovidos

¹ Promovida pelo governo federal, a Campanha de Nacionalização (1938-1945) visava à valorização da identidade brasileira. Nesse sentido, os imigrantes sofreram pressões e repressões para abandonarem seus costumes e se integrarem à nação brasileira. Com a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial (1942) essa situação, especialmente para os alemães, foi agravada. Ver: KIPPER, Maria Hoppe. *A campanha de nacionalização do Estado Novo em Santa Cruz do Sul: 1937-1945*. Santa Cruz do Sul: ASPEC, 1979.

² Torna-se pertinente destacar que, de acordo com Stuart Hall, em resistência ao processo de globalização, que se intensifica a partir de 1970, ocorre um fortalecimento das identidades locais. Ver: HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

no decorrer do ano de 1979, tais como o concurso de monografias intitulado “Santa Cruz do Sul – Aspectos de sua história”, o Hino do Centenário de Emancipação Política, a criação da “I Semana da Imigração Alemã” e a construção da “Avenida dos Imigrantes”.³ Destaca-se ainda, nesse movimento, a criação da Oktoberfest, em 1984, cujo objetivo principal fora a divulgação da cultura alemã no Estado, bem como, constituir um recurso pedagógico importante de valorização da etnicidade regional.

No processo de consolidação de uma identidade, no caso em questão de uma identidade étnica, a produção de narrativas homogeneizadoras visa a marcação da diferença, a criação de mecanismos de contraste, de binarismos que permitam a construção dos estereótipos a partir dos quais se podem definir as fronteiras (simbólicas ou não) da alteridade. Segundo Elias e Scotson, “*um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído. Enquanto isso acontece, o estigma de desonra coletiva imputado aos ‘outsiders’ pode fazer-se prevalecer*”.⁴

No caso de Santa Cruz do Sul e região, o estabelecimento de fronteiras culturais e étnicas é visível na imprensa,

marcado pelo recorrente recurso de delimitação de fronteiras entre o “eu” e o “outro”, entre os estabelecidos e os *outsiders*. Nesse sentido, Silva diz que “*a afirmação da identidade e a marcação da diferença, implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir*”.⁵

No estudo em questão, entre os denominados como “outros” encontram-se os afrodescendentes e luso-brasileiros, em oposição aos estabelecidos, nomeadamente os teutodscendentes. A hifenização dessas “identidades” é um dado que não podemos perder o sentido, pois revela um dispositivo de aproximação-separação estratégico, isto é, permite pensar as identidades na temporalidade das origens. A origem, nesse caso, a genealogia, é estruturante, pois garante a naturalização ao mesmo tempo em que constrói e reforça a memória coletiva das comunidades étnicas.

Para analisarmos o processo de construção do sujeito negro na imprensa escrita de Santa Cruz do Sul, bem como os mecanismos discursivos que atuam no processo de subjetivação da identidade da comunidade afrodescendente da região, elegemos o jornal Gazeta do Sul.⁶

³ Ver: SKOLAUDE, Mateus Silva. *Identidades rasuradas: o caso da comunidade afro-descendente de Santa Cruz do Sul (1970-2000)*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.

⁴ ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000, p. 23.

⁵ SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e as diferenças. In: SILVA (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006, p. 82.

⁶ De 1891 a 1941 circulou em Santa Cruz do Sul o Jornal Kolonie, que era editado em alemão gótico, foi cerceado pelo Estado Novo e teve nas pressões feitas pela campanha de nacionalização sobre a direção do jornal uma das causas para seu fechamento. Ver: VOGT, Olgário Paulo. Germanismo e nacionalização em Santa Cruz do Sul, RS. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 7, n.2, p. 49-92, jul./dez. 2001 e KIPPER. op. cit. Já a Gazeta do Sul teve sua primeira publicação em 26 de janeiro de 1945

Possuindo atualmente mais de 80 mil leitores, ele é o veículo de comunicação com maior circulação na região.

Durante a pesquisa, para apreender como as narrativas acerca dos afrodescendentes são apresentadas na imprensa em questão, nos propomos a pesquisar em todas as edições publicadas no período estabelecido. Para tanto, utilizamos o acervo da Biblioteca Central da Universidade de Santa Cruz do Sul, o Centro de Documentação da UNISC (CEDOC) e também o acervo da sede do Grupo Gazeta de Comunicações. Dessa forma, pesquisamos em um total de aproximadamente 4.320 edições do jornal, entre os anos de 1980 e 2000, e registramos o número total de 704 fotografias, entre imagens e textos jornalísticos.

As fotografias foram cadastradas (com a data de publicação, a página, o caderno onde foram publicadas, a legenda da reportagem/ imagem), editadas (enquadramento digital da reportagem) e armazenadas através de dois processos diferentes: o primeiro separando-as pela data de publicação (dia, mês, ano, página) e o segundo pela temática referente à reportagem (Habitação, Saúde, Desemprego, Pobreza, Assistencialismo, Trabalho Infantil, Datas Comemorativas, Coluna social, Educação, Criminalidade, Carnaval, etc.).

e chamava-se Gazeta de Santa Cruz, na época o jornal circulava uma vez por semana, depois passou a ser bissemanário. Em 1957 houve a alteração do nome, passou então a chamar-se Gazeta do Sul, sua publicação variou de três a cinco edições semanais, e a partir de 1996 passou a ter uma circulação diária.

Detivemo-nos, portanto, em dois pontos distintos: imagens e seus respectivos textos e textos jornalísticos isolados — não atrelados a imagens — e que se referiam a sujeitos negros. O material coletado não foi visto como sendo um documento, como prova objetiva de uma realidade existente, foi analisado, no entanto, dentro da perspectiva de monumento, isto é, imagens e textos são vistos como um todo coeso, produtor de sentidos e que está intimamente ligado com as relações de poder. Os textos são entendidos a partir de sua superfície, de sua materialidade e fazem sentido a partir de sua exterioridade. É nesse sentido que os monumentos/textos não representam uma realidade e sim dão sentido a ela, ao dizer o mundo constroem o mundo. É essa exterioridade — poder —, que permite ao texto ser pensado também como uma prática discursiva. Organiza o que pode e o que não pode ser dito, o que merece ser considerado na ordem do dia e o que deve ser interdito. Os enunciados produzidos nessa dinâmica dão sentido às práticas discursivas e potencializam os regimes de verdades que elas repercutem em determinado tempo/espço.

Assim é que Foucault quando fala da existência de acontecimentos discursivos em uma determinada cultura, propõe que, para entender as condições que determinam o surgimento e o desaparecimento dos enunciados, a permanência e o apagamento dos mesmos, é preciso que se compreenda o jogo de regras que os constituiu. Significa, que para tanto, de acordo com o autor “*analisar os fatos de discurso no elemento geral de arqui-*

vo é considerá-los não absolutamente como documentos (de uma significação escondida ou de uma regra de construção), mas como monumentos”.⁷ Tomamos, portanto, as imagens e seus textos correlatos como um monumento e não como discursos separados que se representam; ao contrário, como discursos que se significam numa totalidade.

A pesquisa de imagens levou em consideração que é a partir da “estética” do sujeito, da forma como é feita a sua “representação”⁸, que se pretende enfatizar os dispositivos subjetivadores da identidade negra no Vale do Rio Pardo. Sendo assim, torna-se possível analisar a identidade e a diferença a partir de suas “representações”. Compreende-se, portanto, que “a identidade e a diferença são estreitamente dependentes da representação. É por meio da representação, assim compreendida, que a identidade e a diferença adquirem sentido”.⁹ Entende-se, vale notar, a representação não como apresentação do ausente, mas, no seu caráter redundante de apresentar recorrentemente, ou seja, as imagens jornalísticas são entendidas como construtoras do sujeito e para isso esse sujeito é apresentado sucessiva-

mente, a partir de enunciados que o fixam no “imaginário” social. Representar aqui não remete a uma realidade ausente e sim a um processo de construção de sentido produzido ao apresentar algo. Ao dizer o outro, o outro é construído.

Em relação aos textos jornalísticos, utilizamos como metodologia a Análise do Discurso, a qual procura interrogar a linguagem, as “coisas ditas”, sem pretender fazer interpretações reveladoras de verdades e sentidos reprimidos, mas interrogar de que modo a linguagem é produzida e o que determina a existência de determinados enunciados em um certo tempo e espaço. “É perguntar: por que isso é dito aqui, deste modo, nesta situação, e não em outro tempo e lugar, de forma diferente”.¹⁰

Em linhas gerais a partir dessa perspectiva objetiva-se o entendimento da produção dos enunciados e dispositivos que articulam os sujeitos e os saberes legitimadores e substancializadores das identidades em determinados contextos. Isso significa apreender os discursos enquanto mecanismos promotores de subjetivação, o que implica considerar que eles “constituem-se como redes de significações e são tomados pelos sujeitos para se autointerpretar, e, assim, acabam por produzi-los. A interpelação acontece quando o sujeito se reconhece a partir dos discursos”.¹¹

⁷ FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento* (Ditos & escritos; II). 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, p. 95.

⁸ Salientamos que o conceito de representação aqui utilizado se baseia na perspectiva utilizada por autores como Tomaz Tadeu da Silva, onde a representação é encarada a partir de uma ótica pós-estruturalista, que não visa apreender o real, mas que corresponde a um sistema de significação, ou seja, é uma forma de atribuição de sentido. Ver SILVA, op. cit.

⁹ Idem, p. 91.

¹⁰ FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. In: *Cadernos de Pesquisa*, nº 114, São Paulo, FCC/Autores Associados, 2001, p. 197-223, p. 205. Disponível em: <<http://www.scielo.br/cp/n114/a09n114.pdf>>. Acesso em: 24 de maio de 2010.

¹¹ HERINGER, Rosana. *Desigualdades Raciais no Brasil*. Brasília: Escritório Nacional Zumbi dos Palmares, 2000, p. 47.

A identidade, entendida como um conjunto de elementos simbólicos articulados por um discurso de pertencimento, ganha densidade justamente em sua possibilidade narrativa, historicamente analisável. Sendo assim, a análise de discurso possibilita a análise de fenômenos identitários.

Análise

Através da pesquisa nos noticiários, encartes, reportagens, colunas, artigos e imagens do Jornal Gazeta do Sul, torna-se possível identificar os mecanismos de in(ex)clusão identitária em Santa Cruz do Sul. Nesse processo destaca-se a afirmação de um discurso identitário homogeneizador, caracterizado pelo germanismo, comumente contrastado com as outras etnias da região e mesmo da própria comunidade de Santa Cruz do Sul.

Os termos “nós” e “outros”, “nós” e “eles” são indicadores de “posições-de-sujeitos” e estão estreitamente ligados às relações de poder. *“Dividir o mundo social entre “nós” e “eles” significa classificar. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados”*.¹²

No decorrer da pesquisa foi possível perceber essa atribuição de valores, visto que os “teutodescendentes” são caracte-

rizados pela ética do trabalho, pela educação, pela religião, pelo associativismo, pelo empreendedorismo, pela limpeza, entre outros.

Já os afrodescendentes (os “outros”) são estereotipados e constantemente atrelados à preguiça, à sujeira, à impureza. Eles são frequentemente associados, na imprensa em questão, com a pobreza, com o desemprego, com a violência, com a favelização da cidade, com a falta de planejamento familiar, ou como sendo necessitados de ações beneficentes e assistencialistas da sociedade santa-cruzense.

Destacamos, neste artigo, as relações estabelecidas entre os discursos relativos ao assistencialismo, à violência, à saúde e à habitação e à veiculação de imagens de sujeitos negros.

Assistencialismo

Sobre a temática do assistencialismo foi coletado um amplo material, sobretudo no que diz respeito a campanhas relacionadas ao agasalho, Páscoa, Natal e demais datas especiais.

É possível verificar que as ações assistencialistas frequentemente estão atreladas às imagens de afrodescendentes, ou seja, há uma associação destes com uma situação de vulnerabilidade social. Além disso, estão presentes no discurso, expressões como “criança pobre”¹³, “pão para quem tem fome”¹⁴ as quais identificam, através das ima-

¹² SILVA, *op. cit.*, p. 82.

¹³ GAZETA DO SUL, Santa Cruz Sul, 20/12/84, capa.

¹⁴ GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 09/04/85, p. 2.



Imagem I - Natal da Criança Pobre
(GAZETA DO SUL, 20/12/84, Capa)



Imagem II - Pão para quem tem fome
(GAZETA DO SUL, 09/04/85, p.2)



Imagem III - Santa Cruz atende ao apelo
(GAZETA DO SUL, 27/12/98, p.10)

gens, “quem” está vulnerável e também “quem” os ajuda, e “atende ao apelo”.

A imagem I pode ser entendida como modelo ilustrativo da maioria das campanhas assistencialistas divulgadas no jornal no período estudado, isto é, contém elementos comuns a outras publicações desse tipo. Essas matérias, geralmente, possuem um texto que apela para a caridade dos leitores, “*se você tem, venha dar a quem não tem*”¹⁵ e relacionam a campanha a uma imagem que visa comover o público alvo além de divulgar as instituições que organizam tais campanhas.

Já a imagem II, “Criança sadia: Campanha Pão para quem tem fome”, registra uma doação realizada por alunos e professoras de uma escola particular, localizada no centro de Santa Cruz do Sul, a crianças de bairros periféricos. Ela ilustra os alunos da escola localizada no centro da cidade fazendo doações de Páscoa às crianças que “tem fome”. Através da reportagem, identifica-se quem são as pessoas e as instituições que representam a parte da sociedade que faz as

doações aos necessitados, bem como demonstra o estranhamento dos doadores em relação ao nível socioeconômico da população “beneficiada”:

Colégio São Luís concretiza “Pão para quem tem fome” nesta Páscoa (...) os alunos reuniram doces e chocolates e confeccionaram mais de 400 ninhos que foram distribuídos diretamente pelas crianças na Vila Boa’ Esperança e Vila Margarida (...) a criançada que recebia a cestinha sorria encantada, os doadores um pouco assustados com tanta miséria e poucos recursos sorriam realizados.¹⁶

A imagem III traz mais um exemplo de ação assistencialista. A campanha, realizada no Natal de 1998, arrecadou alimentos, roupas e brinquedos para moradores que enfrentavam dificuldades econômicas no bairro Glória, em Santa Cruz do Sul. Cabe destacar aqui novamente, de acordo com o texto jornalístico relacionado a essa imagem, a estranheza demonstrada por voluntários frente à situação de vulnerabilidade social encontrada na comunidade assistida, como fica explícito no seguinte depoimento: “*a maioria das pessoas nem*

¹⁵ GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 20/12/84, capa.

¹⁶ GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 09/04/85, p. 2.

conhece a realidade dos bairros carentes de Santa Cruz. Acham que isso é coisa de favelas do Rio de Janeiro e São Paulo, mas é mais próximo que se imagina".¹⁷

Criminalidade e violência

Outro ponto pertinente que nos leva a refletir sobre a forma como o afrodescendente é apresentado no jornal diz respeito à associação deste com a criminalidade. Mesmo desconsiderando a coluna policial, encontram-se matérias nesse sentido em outras seções do jornal, como podemos observar na imagem IV, onde ilustrando a questão "A falta do que fazer é o grande problema do presídio" encontra-se um negro.

A imagem V mostra um afrodescendente sendo revistado pela polícia na operação realizada pela Brigada Militar intitulada "Operação Defesa do Cidadão", a qual, realizada em um determinado bairro de Santa Cruz do Sul, "*consistiu no desarmamento de frequentadores dos bares, revista em veículos e até distribuição de folhetos informativos à população, com orientações sobre normas de segurança pública e como solicitar auxílio à BM*".¹⁸

Já a imagem VI refere-se a reportagem publicada na Gazeta do Sul, em 07/05/1992,¹⁹ sobre a decisão da Brigada Militar de intensificar o policiamento em

uma determinada praça de Santa Cruz do Sul devido ao aumento de ocorrências registradas no local. Na matéria é relatado que 60% dos furtos qualificados e 50% dos furtos simples, assim como uma tentativa de estupro e grande parte dos atos de vandalismo ocorridos na praça entre janeiro e maio de 92 foram praticados por menores entre oito e dezesseis anos, além disso:

O capitão ressalta que, afora essas ocorrências [de furtos, tentativa de estupro e vandalismo], existem as não oficiais e as advertências verbais que os PMs aplicam nos *garotos*. Os próprios policiais contam que são alvo de desacato de autoridade. Os pivetes se amparam no Estatuto da Criança para desferirem *golpes de mestre* contra o policiamento. Eles sabem, melhor do que ninguém, que não podem ser algemados e nem conduzidos no xadrez da viatura. (...) "Mas não é só no Estatuto que esbarra o policiamento, e sim, no problema social da pobreza, que existe para quem quiser ver. É só olhar para as calçadas e soleiras de portas à noite", finaliza o capitão da Brigada.²⁰

Nota-se que ilustrando a reportagem tem-se a imagem de um menino negro sendo abordado por dois policiais. Além disso, chama a atenção os termos utilizados para se referir a essas crianças e/ou adolescentes. Termos como "pivetes" e "menores" se repetem no decorrer do texto. No entanto, quando é feita referência a crianças e/ou adolescentes de um nível sócio-econômico mais elevado o termo utilizado é outro: "*as brigas, embriaguez e atos de vandalis-*

¹⁷ GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 27/12/98, p. 10.

¹⁸ GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 07/09/93, p. 24.

¹⁹ GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 07/05/1992, p. 3.

²⁰ Idem.



Imagem IV - A falta do que fazer é o grande problema no presídio (GAZETA DO SUL, 18/06/93, Capa)



Imagem V - Brigada Militar faz operação de desarmamento na Boa Esperança (GAZETA DO SUL, 07/09/93, p.24)



Imagem VI - Policiais menores na rua exige habilidade e paciência (GAZETA DO SUL, 07/05/1992, p.3)



Imagem VII - Problema do menor, ônus da sociedade (GAZETA DO SUL, 07/11/85, capa)



Imagem VIII - Menores resistem a plano de ajuda e optam pela rua (GAZETA DO SUL, 07/04/92, capa)

mo incluem também **jovens** de famílias tradicionais”.²¹ Nesse sentido, ao analisar, em sua tese de doutorado, discursos da mídia sobre a adolescência Fischer diz que essas denominações de uma geração existem radicalmente para determinadas camadas sociais. Em oposição aos *teens*, aos adolescentes de 14 ou 20 anos, há os que a mídia e a sociedade chamam apenas de menores, trabalhadores precoces, meninos de rua, marginais da Febem, prostitutas menores e que não ocupam as páginas de revistas femininas ou masculinas, nem os seriados de televisão, muito menos os comerciais: eles estão nas estatísticas oficiais, nas páginas policiais, nas notas de pessoas desaparecidas, nas reportagens sobre problemas sociais da infância e da adolescência.²²

Abrimos aqui um parêntese para apresentar duas imagens que também

elucidam como é apresentado no jornal o “menor carente”.

Nas matérias que fazem referência aos “menores carentes”, estes são colocados como sendo o “ônus da sociedade”, como desafiantes da ordem. Além disso, são permanentemente associados à violência, ao risco e à ameaça à segurança pública.

Ainda referente a temática da violência, as charges a seguir são significativas. Nelas aparecem cenas que pretendem ilustrar a relação cotidiana de um menino com seu pai. Nota-se que ambos são afro-descendentes e que o pai é estereotipado como um sujeito violento, “maldoso”, que incita a violência no seu filho.

Diversos estudos²³ demonstram que os afrodescendentes são encarados

²¹ Idem. (Grifo nosso).

²² FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso – mídia e produção de subjetividade*. Tese (Doutorado - Programa de Pós Graduação em Educação) UFRGS/ FAGED, Porto Alegre, 1996, p. 27.

²³ VER: ADORNO, Sérgio. Discriminação racial e justiça criminal em São Paulo. In: *Novos Estudos*, nº 43, São Paulo, CEBRAP, nov. 1995, p.45-63; SILVA, Mozart Linhares *Eugenia, antropologia criminal e prisões no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.



Imagem IX
Humor (GAZETA DO SUL, 03/01/81, p. 2)



Imagem X
Humor (GAZETA DO SUL, 06/01/81, p. 2)



Imagem XI
Humor (GAZETA DO SUL, 08/01/81, p. 10)

como potencialmente perigosos e que “a cor funciona como uma agravante no estabelecimento dos critérios de definição dos suspeitos”.²⁴ Nesse sentido o

sociólogo Sérgio Adorno que investigou a existência de racismo nas práticas penais brasileiras diz que “[...] se é negro, é mais perigoso; se é branco, talvez não seja tanto”.²⁵

²⁴ HERINGER, Rosana. *Desigualdades Raciais no Brasil*. Brasília: Escritório Nacional Zumbi dos Palmares, 2000, p. 21.

²⁵ Apud. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Nem preto nem*



Imagem XII - Saúde chega aos mais carentes (GAZETA DO SUL, 04/02/98, Capa)

Saúde

Outra temática a ser analisada neste artigo, conforme destacamos anteriormente, refere-se à saúde. A matéria “Saúde chega aos mais carentes”, publicada no dia 04/02/1998 no Jornal Gazeta do Sul, refere-se ao cadastramento de 2,4 mil famílias no município de Vera Cruz, as quais passaram a ser assistidas por agentes de saúde do município.²⁶ Esses agentes comunitários acompanhavam a rotina das famílias ditas “carentes”, passando orientações sobre higiene e saúde.

O texto jornalístico relata como ocorreu o processo de cadastramento das famílias, algumas constatações feitas a

partir dos dados coletados e os objetivos pretendidos com esse programa:

A primeira etapa, que começou em outubro, teve como objetivo a busca de informações sobre as pessoas atendidas, quanto à faixa etária, problemas de saúde e grau de escolaridade. Além disso, no formulário também constam dados sobre o tipo de moradia, abastecimento e tratamento de água e o destino do lixo e das fezes e urina. Segundo a coordenadora do programa, enfermeira Berenice Schäfer, os números apontados pelo trabalho não trouxeram nenhuma surpresa quanto aos problemas enfrentados pela população. (...) O que mais chamou a atenção da enfermeira foi a baixa incidência de alcoolismo (0,06%). “O alcoolismo deve apresentar um índice maior que todas as outras patologias, mas se a pessoa não admite que tem a doença, não pode ser cadastrada como tal”, explica. Berenice classifica as agentes de saúde como educadoras de saúde, porque elas fornecem informações para a comunidade, realizando visitas domiciliares.²⁷

branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia. das Letras, v. 4, 1998, p. 214.

²⁶ GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 04/02/1998, capa.

²⁷ GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 04/02/98,

Torna-se pertinente, portanto, observar aqui o esquadramento da população: a coleta de informações sobre quem são esses indivíduos, quais são suas condições de moradia, de higiene, qual sua faixa etária, seu grau de escolaridade, seu estado de saúde. Esse tipo de investigação, que a *priore* parece visar apenas o indivíduo, objetiva o conjunto, ou seja, a população e a sua normalização, que “é sempre feita em nome do bem-estar do indivíduo e das populações, e se aperfeiçoa no tempo, de um modo sempre mais complexo, de tal forma que a norma vai sendo percebida pelas pessoas como verdade e necessidade”.²⁸

Temos então o que Foucault chamou de biopolítica, a qual “encontrará nas políticas públicas um modo de operacionalização. As políticas públicas, como no caso da saúde, tornam-se um modo de regulação da população”.²⁹

Em outra matéria publicada destaca-se a importância do Programa de Agentes Comunitários de Saúde (Pacs) em Santa Cruz do Sul, enquanto mecanismo preventivo de doenças e é citado que entre as maiores carências encontradas pelos agentes no município está “a grande necessidade de realizar um trabalho de planejamento familiar”.³⁰



Imagem XIII - A máscara da realidade (GAZETA DO SUL, 22/05/93, p.4)

p. 10.
²⁸ FISCHER, op. cit., p. 34.

²⁹ BERNARDES, A.; MORAIS, G.; JUNIOR, L.; Políticas de Saúde: Alteridade e questão indígena. In: SILVA, M.; HILLESHEIM, B.; OLIVEIRA, C. (Org.). *Estudos Culturais, educação e alteridade*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009, p. 113.
³⁰ GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 27/06/99, p. 12.



Imagem XIV - Orientação sobre planejamento familiar é um direito (GAZETA DO SUL, 17/10/93, p.30)

O planejamento familiar é uma questão que vem sendo discutida há bastante tempo no noticiário. Ela aparece, por exemplo, na publicação do Jornal Gazeta do Sul do dia 22/05/93, intitulada “A máscara da realidade”.³¹

A falta de planejamento familiar é atribuída ao nível socioeconômico da família. De acordo com o seguinte trecho do texto:

Quando se fala em menor carente uma das causas apontadas é a PROLIFERAÇÃO IRRACIONAL. Fato este que não é nenhuma novidade. Todo mundo sabe que quanto melhor o nível sócio-econômico da família, menor o número de filhos; o inverso é mais do que verdadeiro – quanto mais pobre, mais analfabetos e muito maior o número de filhos. (...).³²

No entanto observa-se, que a imagem escolhida para representar aqueles que se “proliferam irracionalmente” é de

uma mulher negra. O rosto negro emoldurado na imagem revela o enunciado do discurso, ou seja, que a pobreza e a proli-feração irracional têm cor.

Ainda em relação ao planejamento familiar, destaca-se a matéria intitulada “Médica propõe a extensão do projeto para Santa Cruz”³³, onde uma médica ginecologista elaborou um projeto visando a implantação de um programa de planejamento familiar em Santa Cruz do Sul, que consistiria

na educação da comunidade para a prática do planejamento familiar, educando o adolescente e os pais sobre os aspectos reprodutivos; oferecendo à mulher e ao homem aconselhamentos em anticoncepção; fornecendo os métodos; e prevenindo a mulher sobre as doenças sexualmente transmissíveis e o câncer ginecológico e mamário.

Vale notar, que mais uma vez, ilustrando as pessoas carentes, necessitadas

³¹ GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 22/05/93, p. 04.

³² GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 22/05/93, p. 4.

³³ GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 17/10/93, p. 30.

de acompanhamento de agentes de saúde, ou àquelas que precisam de orientação sobre planejamento familiar, estão mulheres negras.

Habitação

Como já foi colocado na introdução desse trabalho, Santa Cruz do Sul é considerada pólo econômico da região na qual está inserida. Esse fato resultou em intenso processo migratório entre os anos 1970 e 2000. Atraídos pela oferta de empregos ou, pelo menos, pela ilusão dessas ofertas, pessoas de outros municípios ou da própria zona rural de Santa Cruz foram chegando à cidade. Como pode ser observado no gráfico abaixo, entre os anos de 1970 e 2000 o total de habitantes da área urbana de Santa Cruz do Sul aumentou consideravelmente.

Esse fato foi amplamente discutido no jornal Gazeta do Sul. Denúncias sobre as condições precárias de habitação e as possíveis consequências desse aumento

populacional apareceram com frequência no noticiário. As matérias publicadas que faziam referência a essa temática frequentemente estavam associadas a imagens de afrodescendentes, como é possível observar abaixo.

Os recém-chegados foram vistos como representando um perigo à ordem estabelecida, e o poder público tomou posição frente ao “risco das migrações desordenadas”. Conforme matéria publicada no jornal Gazeta do Sul em 13/02/93, intitulada “Santa Cruz reage contra a migração de desempregados”, o então prefeito do município Edmar Hermany, frente à ocupação de um terreno da CEEE – Companhia Estadual de Energia Elétrica - por dezenas de pessoas vindas de outro município, “*determinou aos secretários da Habitação que, a partir de segunda-feira, removam as famílias que estão desempregadas e as levem de volta para suas localidades de origem*”³⁴. Ainda de acordo com o texto jornalístico “*a medida está restrita àqueles moradores que não possuem empre-*

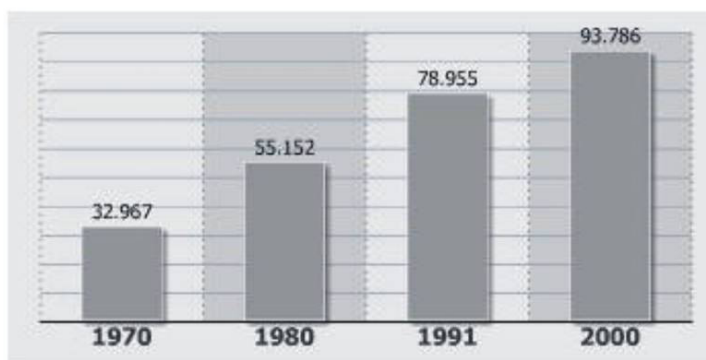


GRÁFICO I - População urbana de Santa Cruz do Sul
FONTE: FAMURS

³⁴ GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 13/02/93, p. 6.



Imagem XV - Crianças sofrem com a consequência do êxodo e acabam marginalizadas. (GAZETA DO SUL, 18/02/81, p.6)



Imagem XVI - Fome e medo atemorizam a periferia (GAZETA DO SUL, 01/07/83, p. 6)



Imagem XVII - Submoradia obriga (mãe) o drama da pobreza na capital do fumo. (GAZETA DO SUL, 01/05/94, p.8)

Santa Cruz reage contra a migração de desempregados

Prefeitura pretende reconduzir invasores a localidades de origem



O prefeito Edmar Heineny disse ontem que pretende desobstar as localidades de origem os migrantes que invadiram uma área na submissão da CITEE instalando-se à clandestinidade no local. A medida será contra aqueles moradores que não possuem emprego no município. A decisão é inédita na região, mas encontra apoio em vários outros municípios do Estado que decidiram limitar a entrada de migrantes desempregados como Gramado, Bento Gonçalves, e agora também Caracóis.

Página 6

Imagem XVIII - Santa Cruz reage contra migração de desempregados (GAZETA DO SUL, 13/02/93, capa)

go no município. A decisão é inédita na região, mas encontra apoio em vários outros municípios do Estado que decidiram limitar a entrada de desempregados”³⁵.

Devido a questionamentos sobre a inconstitucionalidade das ações promovidas pela administração municipal, no dia 16/02/93 o jornal Gazeta do Sul publica outra matéria, onde diz que o prefeito “entende que se não agir com rigidez, em breve Santa Cruz será tomada por favelas e o desemprego irá aumentar. Ele assegura também ter amparo legal para esta decisão”.³⁶ Nessa mesma matéria, consta uma declaração do vice-prefeito,

Roque Dick, que não concorda com a remoção imposta pela prefeitura, de acordo com ele “se forem pessoas produtivas e ordeiras que venham para cá, não poderão ser expulsas e sim integradas à comunidade santa-cruzense. Se não forem, tenderão automaticamente a se afastar e procurarão outro município onde possam viver no submundo da promiscuidade e sujeira”.³⁷

Já no dia 02/03/93 são publicadas no jornal Gazeta do Sul duas matérias: a primeira informando que o então governador do Estado, Alceu Collares, determinou que a polícia abrisse um inquérito para investigar a expulsão de migrantes no município de Novo Hamburgo. E a segunda relatando a ida do presidente da

³⁵ GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 13/02/93, capa.

³⁶ GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 16/02/93, p. 3.

³⁷ GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 16/02/93, p. 3.



Imagem XIX - Entrada para estrangeiros
(GAZETA DO SUL, 04/07/99, p.2)

FAMURS – Federação das Associações de Municípios do Rio Grande do Sul - e de uma comitiva de prefeitos, incluindo o de Santa Cruz do Sul, a um encontro com o governador. De acordo com a matéria, foi informado ao governador que nenhum município estava “*estabelecendo regras para impedir o direito de ir e vir dos migrantes, mas que todos estão procurando restringir as invasões em áreas públicas e áreas verdes*”.³⁸

No dia seguinte, saiu a reportagem “*Prefeitos decidem liberar entrada para os migrantes*”, informando que:

Os prefeitos das cidades de Novo Hamburgo, Gramado, Teutônia, Venâncio Aires, Santa Cruz do Sul, Bento Gonçalves e Frederico Wesphalen, que tinham “*fechado*” seus municípios às famílias de migrantes sem mão-de-obra qualificada, voltaram atrás e resolveram suspender suas fiscalizações nas estações rodoviárias e nas vias de acesso às cidades.³⁹

³⁸ GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 02/03/93, capa.

³⁹ GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 03/03/93, capa.

Entretanto, reportagens e matérias denunciando as condições precárias de habitação nos bairros compostos por migrantes, alertando para o aumento do número de indigentes e ressaltando o crescimento da violência no município, continuaram ocupando as páginas do noticiário durante todo o período pesquisado. Como é possível constatar na imagem XIX, publicada em 1999.

Nesse sentido, segundo Elias e Scotson:

O grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo outsider as características “*ruins*” de sua porção “*pior*” – de sua minoria anômica. Em contraste, a autoimagem do grupo estabelecido tende a se modelar em seu setor exemplar, mais “*nômico*” ou normativo – na minoria de seus “*melhores*” membros. Essa distorção *pars pro toto*, em direções opostas, faculta ao grupo estabelecido provar suas afirmações a si mesmo e aos outros; há sempre algum fato para provar que o próprio grupo é “*bom*” e que o outro é “*ruim*”.⁴⁰

⁴⁰ ELIAS e SCOTSON, *op. cit.*, p. 22.

Nessa relação entre estabelecidos e *outsiders*, o negro frequentemente é associado ao forasteiro, e, dessa forma, se vincula a etnicidade aos ditos problemas sociais, o que possibilita, por decorrência, a construção das estereotípias dos sujeitos indesejados.

Consideramos que a imprensa consiste em um campo privilegiado para a análise da construção das identidades e dos fenômenos relacionados à estigmatização e processos subjetivadores. Através dela, é possível perceber como enunciados de diversos campos discursivos – da medicina, da psiquiatria, da polícia, da igreja, da política, dos docentes, etc – são articulados e acabam construindo um campo discursivo sobre a diferença, no caso, o negro.

Bibliografia

ADORNO, S. Discriminação racial e justiça criminal em São Paulo. In: *Novos Estudos*, nº 43, São Paulo, CEBRAP, nov. 1995, p.45-63.

BERNARDES, A.; MORAIS, G.; JUNIOR, L.; Políticas de Saúde: Alteridade e questão indígena. In: SILVA, M.; HILLESHEIM, B.; OLIVEIRA, C. (Org.). *Estudos Culturais, educação e alteridade*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. *Os Estabelecidos e os Outsiders: Sociologia das Relações de Poder a partir de uma Pequena Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. *Adolescência em discurso – mídia e produção de subjetividade*. Tese (Doutorado - Programa de Pós Graduação em Educação) UFRGS/ FAGED, Porto Alegre, 1996.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. In: *Cadernos de Pesquisa*, nº 114, São Paulo, FCC/Autores Associados, 2001, p. 197-223. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n114/a09n114.pdf>>. Acesso em: 24 de maio de 2010.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 3. ed São Paulo: Loyola, 1996.

_____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento* (Ditos & escritos; II). 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HENNIGEN, Inês. Subjetivação como produção cultural: fazendo uma outra psicologia. In: *Psicologia e Sociedade*, 18(2), Porto Alegre: UFRGS, mai./ago. 2006, p.47-53.

HERINGER, Rosana. *Desigualdades Raciais no Brasil*. Brasília: Escritório Nacional Zumbi dos Palmares, 2000.

KIPPER, Maria Hoppe. *A campanha de nacionalização do Estado Novo em San-*

- ta Cruz do Sul: 1937-1945. Santa Cruz do Sul: ASPEC, 1979.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Cia. das Letras, v. 4, 1998.
- SILVA, Mozart Linhares da. *Educação, etnicidade e preconceito no Brasil*. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2007.
- _____. *Eugenia, antropologia criminal e prisões no Rio Grande do Sul*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005.
- SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e as diferenças. In: _____ (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- SKOLAUDE, Mateus Silva. *Identidades rasuradas: o caso da comunidade afrodescendente de Santa Cruz do Sul (1970-2000)*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008.
- VOGT, Olgário Paulo. *Germanismo e nacionalização em Santa Cruz do Sul, RS*. Ágora, Santa Cruz do Sul, v. 7, n.2 , p. 49-92, jul./dez. 2001.
- Disponível em:<<http://www.portalmunicipal.org.br/entidades/famurs/demografia>> Acesso em 29 de junho de 1010.
- GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 20/12/84.
- GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 09/04/85.
- GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 20/12/84.
- GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 09/04/85.
- GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 27/12/98.
- GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 07/09/93.
- GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 07/05/92.
- GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 04/02/98.
- GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 27/06/99.
- GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 22/05/93
- GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 22/05/93.
- GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 17/10/93.

Fontes

GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 13/02/93.

GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 13/02/93.

GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 16/02/93.

GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 02/03/93.

GAZETA DO SUL, Santa Cruz do Sul, 03/03/93.

PNUD. *Relatório de Desenvolvimento Humano*. Racismo, pobreza e violência. Brasil 2005. Disponível em: <www.pnud.org.br/rdh/>

Submetido em: 13 de Julho, 2010
Aprovado em: 8 de Setembro, 2010

